

# HG 401 - História da Filosofia Moderna I

2º Semestre de 2013

Prof. Silvio Seno Chibeni, Departamento de Filosofia, Unicamp

## Exame (12/12/2013)

### Observações:

- *É permitida a consulta a textos impressos, exclusivamente, textos esses que não poderão circular entre os alunos.*
- Responda de forma *objetiva* e restringindo-se ao que *Hume* diz. Seja sucinto, mas não esquemático. Indique o número da questão e os *sub-itens* a que está respondendo. Não responda em bloco.
- Em cada resposta, *dê a referência dos parágrafos* dos textos Hume em que ele trata do ponto em questão, *seguindo a convenção padrão internacional* (adotada no curso).
- Este exame final deverá ser feito pelos alunos que, não estando reprovados por falta, não obtiverem média igual ou superior a 5,0 (cinco) nas provas. Para a aprovação final, tais alunos deverão ter nota no exame que, em média com a média das provas, resulte em 5,0 (cinco) ou mais.

### Questões:

1. a) Apresente e explique a distinção traçada por Hume entre impressões e ideias. b) Aponte, nessa distinção, o aspecto que diz respeito a uma relação causal entre impressões e ideias, comentando sua interligação com a teoria humeana da causalidade, exposta mais adiante nos dois livros estudados no curso.
2. a) Apresente e explique os princípios de associação de ideias. b) Aponte a conexão desse assunto com a teoria humeana da causalidade.
3. Enumere e explique brevemente os elementos constitutivos das relações causais, nas abordagens dos dois livros de Hume. (Em sua resposta considere apenas as porções desses livros vistas no curso, ou seja, *Tratado* até T 1.3.5 e *Investigação* até E 5.)
4. Com relação ao título de E 4, indique e explique a principal dessas “dúvidas céticas sobre as operações do entendimento”.
5. Exponha e explique a “solução cética” proposta por Hume em E 5, destacando, especialmente, por que seria uma solução *cética*.

**Respostas do professor:**

1. a) Para Hume, o material imediato de nossa cognição são as *percepções*, que ele subdivide em impressões e ideias. *Impressões* são as percepções fortes e vívidas, enquanto que *ideias* (ou *pensamentos*) são as percepções mais fracas (T 1.1.1.1, E 2.3). Em ambos os livros Hume entende as impressões como as causas das ideias. A defesa desse ponto é mais rigorosa no *Tratado*, em que a relação é explicitamente restringida às ideias simples, em sua primeira aparição na mente, como se nota no enunciado geral do “primeiro princípio” da ciência do homem: “Todas as nossas ideias simples são, em sua primeira aparição, *derivadas* de impressões simples que lhes correspondem, e que representam de forma exata” (T 1.1.1.7). No segundo livro o mesmo princípio aparece de forma mais simples: “... todas as nossas ideias ... são cópias de nossas impressões” (E 2.5). b) A interligação dessa análise com a teoria humeana da causalidade se patenteia no argumento apresentado no *Tratado* para o princípio da cópia, cujo cerne consiste em notar que há uma “conjunção constante” de ideias e impressões simples. Isso mostra que há “uma grande conexão” entre elas, e que “a existência de umas tem considerável influência sobre a existência das outras”. Notando-se a ordem temporal em que aparecem pela primeira vez na mente, conclui-se que “as nossas impressões são as causas de nossas ideias”, e não o contrário (T 1.1.1.8). Ora, a conjunção constante é justamente o elemento central da noção de causalidade, tal qual exposta em T 1.3.6 e E 4).
2. a) Hume propõe, na *Investigação*, que há certos princípios segundo os quais as ideias, “em sua aparição na memória ou imaginação, introduzem-se umas às outras com certo grau de método e regularidade” (E 3.1) Esses princípios são apenas três: semelhança (“um retrato leva naturalmente nossos pensamentos para o original”), contiguidade em tempo ou lugar (“a menção de um cômodo em um edifício introduz naturalmente uma investigação ou discurso sobre os demais cômodos”) e causa ou efeito (“se pensamos em um fermento, dificilmente podemos deixar de refletir sobre dor que o segue”) (E 3.2-3). Essa versão difere da encontrada no *Tratado*, segundo a qual os princípios de associação diriam respeito a associação de ideias *simples* na *imaginação*, e não de ideias *qualsquer* na *imaginação e memória*, como na *Investigação* (T 1.1.4). b) A conexão disso com a teoria humeana da causalidade se patenteia pelo fato de, segundo essa teoria, as inferências causais serem fundadas justamente no processo associativo, derivado do hábito que se estabelece pela exposição da mente à conjunção regular de objetos ou eventos (E 5.5).
3. Considerando-se apenas as porções dos livros estudadas no curso, no *Tratado*, a relação envolveria, como elementos “essenciais” a contiguidade no espaço e no tempo e a anterioridade temporal das causas relativamente aos efeitos (T 1.3.2.6-7), bem como a “conexão necessária” entre eles (T 1.3.2.11). Na *Investigação* nenhum desses elementos aparece, Hume passando diretamente à “conjunção constante” entre os objetos ou eventos (E 4.6) [que será, no *Tratado*, evocada somente em T 1.3.6].
4. A questão epistemológica central estudada por Hume a partir de E 4 é examinar como é possível obter conhecimento acerca de questões de fato que não caem, nem caíram, sob nossa observação (E 4.3). Resumindo seu exame, ele mostra, em seguida, que tal conhecimento (se houver algum) deverá assentar na relação de causa e efeito, ou seja, devem ser o resultado de inferências causais. Argumenta, deapois, que o conhecimento dessa relação não é a priori, dependendo inteiramente da experiência da conjunção

regular entre objetos. Mas a partir dessa experiência o “entendimento” não tem como fundar racionalmente a extrapolação para as questões de fato não observadas. Para justificar esse ponto, ele arma um dilema, enumerando os dois tipos possíveis de raciocínios – demonstrativos e prováveis – e mostrando que nenhum deles pode incluir as inferências causais. Configura-se assim uma dúvida cética, pois o entendimento parece não ter recursos suficientes para fazer as inferências desse tipo.

5. A solução proposta por Hume em E 5 consiste em atribuir as inferências causais não ao entendimento, mas ao hábito (E 5.5), cuja operação é “uma espécie de instinto natural”, involuntária e inevitável (E 5.5-8, 22). Essa solução é cética na medida em que não pretende confrontar-se ao argumento cético da seção 4, reconhecendo seu caráter inescapável; propõe, ao invés, uma ampliação do escopo da mente humana (e animal), para levar em conta esse nível “instintivo” ou “mecânico” (E 5.22).